

Prefácio

AMÉRICO PEREIRA

Em seu conhecido texto, *Éloge de la philosophie*, diz Maurice Merleau-Ponty: «Il n'y a, dit M. Lavelle, "de philosophie que d'aujourd'hui, celle que je puis maintenant penser et vivre".»¹ Recapitulando uma tradição que nasceu no mais remoto tempo em que a humanidade ensaiou inteligir isso que é o seu mesmo ato, na relação com isso que é o ato ambiente universal em que se insere, em Lavelle, encontramos o mesmo desejo intelectual de salvação do real, por meio de uma leitura segundo um «logos» próprio, que já encontramos na grande escola socrática, sobretudo nas reflexões de um Platão e de um Aristóteles, mas também de um Agostinho e de um Tomás de Aquino.

A filosofia de Lavelle faz-se presente na primeira metade do século xx, século da maior racionalidade, mas também século da maior irracionalidade, século que procura, ainda, um «logos» que o possa salvar como algo de humanamente aceitável, segundo os melhores padrões de leitura humana, precisamente esses que nasceram do já referido esforço de leitura lógica do real: afinal, isto a que chamamos «mundo» é algo merecedor de salvação ou algo que desmerece qualquer esforço salvífico, ao modo de Sodoma e Gomorra? O século xx permite situar a humanidade entre a clausura de um edênico jardim e de um infernal Auschwitz-Birkenau. Qual é a escolha da humanidade?

Lavelle experimentou carnalmente a vida de prisioneiro de guerra, aquando da sua captura pelos Alemães, na Primeira Grande Guerra Mundial. Em sua estadia no campo de prisioneiros teve tempo e forças para meditar sobre a condição sofredora do ser humano. Ainda muito jovem, teve, assim, Lavelle a oportunidade de sentir e de pensar o sofrimento em sua carnalidade, isto é, na relação entre a materialidade do corpo e sua situação política e isso que, com o corpo, é o mesmo corpo como sentido, isso que é o espírito, não como coisa hipostática e separada, mas como ato de inteligência do real no e pelo corpo, no que é a «presença total» como ato de relação entre o inteligente corpo e isso em que se insere.

¹ Esta citação é retirada de *Éloge de la philosophie et autres essais*, s. l., Gallimard [1997], p. 17.

Pode, pois, no mesmo texto, dizer Merleau-Ponty: «Le vrai spiritualisme, écrit M. Lavelle, consiste à refuser l'alternative du spiritualisme e du matérialisme.»² Na página anterior, tinha dito: «Pour M. Lavelle, seul un être qui pût peut dire *moi*.» A ontologia de Lavelle é uma ontologia do «sofrer», não num sentido dolorista ou mesmo passivo do termo, mas num sentido em que a presença do ser é dada na forma de algo que toca isso que é o ato de inteligência que constitui o ser humano como propriamente humano. Esta relação ativamente sofrida é a mesma *presença*, literalmente ontológica. O dom passional que toca o ser humano é isso que permite e desencadeia o seu mesmo ato como forma de uma inteligência que o ergue como um ser lógico, um ser de «logos». Tudo o mais é nada, do ponto de vista da relação com o ser humano.

Uma leitura apressada da obra *De l'acte* pode induzir a pensar-se que há em Lavelle uma qualquer forma de «ativismo». Nada de mais errado. Quando no prefácio que escreve à obra de Lavelle, *L'erreur de Narcisse*, Jean-Louis Vieillard-Baron diz: «Lavelle renonce à agir sur autrui par respect pour l'infini diversité des vocations individuelles.»³, remetendo para um mistério próprio de cada ser humano, mais não faz do que realçar o sentido de uma incomunicabilidade ontológica própria de cada pessoa e que começa e radica precisamente nesta paixão única, própria de cada indivíduo humano. O ato próprio de cada pessoa é esta relação solitária com o ato universal do ser, que ergue tudo, mas o faz *na presença de e em relação com*, relação passional, em que se «sofre» o toque desse mesmo ser, isso que é a possibilidade de inteligência em ato, assim atualizada, que faz ser cada pessoa. Nada deve fazer obstáculo a tal relação, a tal «sofrimento».

A parte dedicada à comunicação entre as pessoas é, em Lavelle, uma teoria do amor, em que, apenas através da delicadeza de um fundamental e ontopoiético «deixar-ser» do outro, contemplando, *porque o deixei ser*, o ato do outro, e reciprocamente, nesta contemplação, nesta intuição do ato do outro em presença – sempre inapreensível em sua mesma grandeza total (daí, o mistério) – com ele me relaciono. E esta é a única forma não ilusória de relação entre os seres humanos. Se se quiser usar uma linguagem de tipo aristotélico, a teoria política em Lavelle é uma estrita teoria de pura amizade, isto é, de irrestrito e perfeito amor recíproco, por contemplação (para Lavelle, os seres humanos deveriam, assim, replicar algo como a pericorese trinitária cristã).

² *Ibidem*.

³ Citação retirada da edição de 2003, Paris, Grasset, p. 29.

Se assim for, terá razão Merleau-Ponty ao dizer, na p. 16 da obra citada: «[...] M. Lavelle écrivait que la réforme spirituelle réformera l'État "sans qu'on ait eu a y penser".» Quem tiver ouvidos...

Este breve livro de atas do Colóquio sobre a ontologia de Louis Lavelle, realizado pelo Projeto de Investigação dedicado ao estudo da ontologia de Lavelle, do Centro de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em 5 de dezembro de 2012, em Lisboa, ponto culminante de um Seminário de Investigação Avançada, anual, sobre o mesmo tema, apresenta os textos de comunicações (conferências) que versam precisamente os pontos fundamentais deste «sofrer» fundamental, quer do ponto de vista da consciência quer do ponto de vista da experiência do mal e da redenção quer, ainda, do ponto de vista do absoluto do valor como relação entre a pessoa e a sua mesma possibilidade.

Assim, a conferência apresentada pela investigadora Ivone Moreira, intitulada «Análise da Solidão das Consciências e da Sua Relação Essencial em *Le Mal et la Souffrance* de Louis Lavelle» aborda esta temática começando por estudar a descoberta de si que antecede, e conduz, à descoberta do eu com o outro, que conduz à comunhão. Mas a comunhão não é algo de mecânico: só acontece na relação com a solidão, pelo que há um problema da solidão e da comunhão, unicamente resolúvel através do contacto entre duas solidões, que é solidão partilhada. Mas a forma mais profunda da solidão é essa em que cada ser humano tem de decidir, de se decidir: é a solidão do livre-arbítrio. No entanto, é por meio desta decisão que é possível atingir-se a união.

A relação propriamente humana é uma relação de comunhão, mas esta não é sem equívocos possíveis: assim, passa-se à análise dos equívocos da comunhão, que podem ser: a influência por prestígio, a influência interindividual ou recíproca e a influência dádiosa. Apenas esta última é uma forma de relação que permite avançar no sentido da união, pois respeita esse mistério que é próprio de cada pessoa e que, se for violado, pode anular essa mesma pessoa.

O investigador Samuel Dimas apresentou como tema da sua conferência: «A redenção do mal e do sofrimento em Louis Lavelle». Começando por explorar a experiência do mal e do sofrimento, na guerra, como forma de reconhecimento do carácter redentor da existência, avança seguidamente para o tratamento da reflexão acerca dos problemas do mal e do sofrimento como meio da sua conversão e redenção. De notar que a reflexão não surge em Lavelle como uma diluição anti-trágica do mal e do sofrimento nem

sequer como uma sua «superação», antes como uma forma de integração amorosa no todo do ato de quem sofre e que nada pode ser sem qualquer forma de sofrimento, doloroso ou não.

A aceitação sacrificial da dor e da vida como forma de redenção do mal e de salvação do mundo é o tema que colhe a atenção do autor, na sequência do seu estudo, seguindo-se uma reflexão acerca da injustiça que se encontra na não correspondência entre quem faz o mal e quem o sofre e entre a felicidade e a virtude, tema que tem ocupado grande parte da inteligência humana preocupada com a possibilidade de sentido da realidade. A liberdade humana surge perspectivada a partir da definição negativa do mal e a opção fundamental entre o bem e o mal como condição do exercício da nossa liberdade, mas na necessária conexão com a origem da reflexão e o conhecimento responsável do bem e do mal. Na concretude da realidade viva do ser humano, releva a descrição do ato de sofrimento (dor moral) como condição de crescimento interior e união espiritual: as atitudes negativas e positivas, numa solidão essencial como condição para a reflexão que possibilita a conversão do sofrimento e do mal.

Como bem percebeu Étienne Borne, na sua obra *Le problème du mal*, obra radical sobre o sentido humano possível para a existência propriamente humana, Lavelle, com a sua proposta, a par de Pascal e sua aposta, que são tangentes a um possível ateísmo radical, pois caminham sobre o afiadíssimo gume de uma lâmina que separa o absoluto do sentido do absoluto do sem-sentido, é dos poucos autores que, ao assumir esta mesma radicalmente sofredora experiência da solidão da escolha, pensa profundamente a questão do mal, não a resolvendo intelectualmente, mas mostrando que pode para ela haver uma resposta incarnada na forma única do amor incondicional pelo ser.

O investigador Américo Pereira estuda precisamente a questão da eleição do valor, mas entendendo este não como um fruto de julgamento humano – demasiado humano, diria Nietzsche –, antes como o absoluto de positividade ontológica possível em cada possível ato a realizar por qualquer ser humano. Para tal, na comunicação a que chamou «Louis Lavelle: o valor como o absoluto da possibilidade (Estudo sobre o estatuto metafísico do valor)», começa por introduzir ao tema, neste autor, desenvolvendo, seguidamente, os temas relativos a «Ato e essência», «Ato e fim», «Valor como o interesse que temos pelo ser», «Valor como excesso cuja produção depende de nós». O valor surge, assim, como uma possibilidade de dom metafísico, que cumpre ao ser humano atualizar em realidade: toda a realidade que

depende do ser humano começa por ser valor, isto é, uma possibilidade de ser e vem ao ato através da humana eleição. A realidade humana não é composta por valores, mas por atos que dependem ontologicamente da eleição de valores. O valor não é real, mas constitui a base metafísica da possibilidade da realidade dependente da prática humana.

Como coordenador científico do Projeto e do Colóquio quero agradecer a todos os que tornaram possível o Seminário de Investigação Avançada e o Colóquio, especialmente o Senhor Diretor do Centro de Estudo de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Prof. Doutor Manuel Cândido Pimentel, pelo caloroso acolhimento dado ao Projeto; à equipa de investigação, especialmente aos Doutores Ivone Moreira e Samuel Dimas; uma palavra especial é, ainda, devida à Assessora do Centro, Senhora Dona Ana Carvalheda, pela verdadeira excelência de todo o seu trabalho.